



Mais um numero da *Plural* chega ao público leitor. Sob o seu novo formato eletrônico, recém-inaugurado, a revista aposta na difusão mais ampla, na maior agilidade da sua produção editorial e se aproxima, como bem comemoram os seus editores, da meta de atualizar a periodicidade sem por em risco a qualidade.

Sim, porque é a reflexão de qualidade que se sobressai quando lançamos os olhos sobre este novo numero. A agenda temática concilia diversidade de escopo e atualidade. Com efeito, ali está presente o interesse em revisitar a teoria de boa cepa, desafiando seus *insights*, de modo despojado e livre do empolamento das idéias empoeiradas. Os textos estão prenhes de questões que (ainda) hoje nos atiçam a imaginação: reificação, consciência e projetos de classe, crise e anomia, normalidade e patologia, temas que são, ao mesmo tempo, fios preciosos e pistas instigantes para retraçar a história e recuperar as vicissitudes da velha e boa Sociologia.

Tudo isso sem prejuízo de seguir exercitando a imersão em casos empíricos, também capazes de deflagrar um debate teórico de fôlego. Assim, olhos voltados ao já longínquo ano de 1943, lá está a *Plural* esquadrinhando, nos debates de um congresso de economistas, as evidências de um projeto de nação, levado pelas mãos (vozes e letras) da fina flor da burguesia brasileira. Páginas adiante, e cinquenta anos depois, o leitor pode flagrar, em outro artigo e na utopia da forma participativa de gestão pública, a reação hodierna aos limites

do velho sonho de fazer do Brasil uma sociedade urbano-industrial; ali vemos exprimir-se, com a clareza (e a crueza) da vida e da política de cada dia, um outro projeto (livre do velho ideário industrialista que animara Simonsen), assentado na busca de saídas para as desigualdades nutridas pela sociedade industrial que consolidamos, justamente ao longo dos cinqüenta anos que separam os dois objetos (desafios) empíricos que nossos jovens autores se dispuseram a interpretar.

E como se tudo isso ainda fosse pouco, há o interesse por reabilitar, ofertando ao leitor, análise pretérita de festejada qualidade. A revista felizmente teima em garimpar exemplos de reflexão e crítica social robustas que, conquanto tendo estado na ordem do dia do debate internacional, ainda permaneciam distantes do público leitor brasileiro. Assim, neste seu volume 17.1 a *Plural* nos convida a, com o vigor analítico de Gary Marx, revisitar o tema dos direitos - e sua violação - numa sociedade de segurança máxima.

Passado e presente, teoria e empiria, análise e crítica. É sob o fogo da tensão criadora produzida por esses pares que a *Plural* se apresenta; plural, e não por acaso.

São Paulo, Março de 2011,  
Nadya Araujo Guimarães